

ID 1389

Alexandre Barbalho

E-mail: alexandrealmeidabarbalho@gmail.com

Doutor em Comunicação e Cultura Contemporâneas - Universidade Federal da Bahia.
Professor Adjunto do curso de História e dos PPGs em Sociologia e em Políticas Públicas da UECE e em Comunicação da UFC.

Amanda Nogueira de Oliveira

E-mail: amandanogueira.jor@gmail.com

Mestre em Comunicação – Universidade Federal do Ceará. Professora dos cursos de Jornalismo, Rádio e TV e Internet e Publicidade e Propaganda do Centro Universitário UniFanor Wyden.

Juventude, comunicação, sociabilidade e cidadania:

A atuação da “família Os poderosos e as Poderosas”

RESUMO

O presente artigo traz dados e reflexões de pesquisa cujo objetivo foi investigar como são tecidos os vínculos sociais e políticos entre jovens integrantes de um grupamento autointitulado “família Os Poderosos e As Poderosas”, por meio da convergência dos usos do *WhatsApp* e dos espaços públicos. A questão era entender como se davam as práticas de sociabilidade e cidadãs no contexto urbano periférico onde vivem. A pesquisa baseou-se metodologicamente na etnografia e na netnografia, além de entrevistas e registros audiovisuais.

PALAVRAS-CHAVE: Juventude; Sociabilidade; Mídia Social; Cidadania

Introdução

Em Fortaleza, observa-se a existência de grupamentos de jovens que se auto-intitulam família e/ou equipe nos bairros populares da cidade. Reunindo dezenas de integrantes, tais grupos se reúnem em espaços públicos, geralmente praças, e privados e mantêm troca de mensagens por meio de dispositivos e plataformas digitais tais como *WhatsApp* e *Facebook*. Recorrem ainda a elementos de delimitação identitária, como camisas personalizadas e músicas autorais, de modo a demarcarem sua presença no espaço urbano.

O presente artigo traz dados e reflexões de uma pesquisa cujo objetivo foi investigar como são tecidos os vínculos entre jovens integrantes de uma destas famílias, a “Os Poderosos e As Poderosas”¹, por meio da convergência dos usos do *WhatsApp* e dos espaços públicos, ou seja, nas “dobras” entre os sistemas *on-line* e *off-line* (DIÓGENES, 2013; SILVEIRA, 2011; CAMPOS, 2009).

Por sociabilidade, entendemos, como define Simmel (1983), um campo de relações estabelecidas de forma autônoma e lúdica, onde a necessidade de estar junto, com um outro, é satisfeita pela simples possibilidade de aproximação e liberdade de laços que por si garante sua existência. A sociabilidade estaria inserida no fenômeno que Simmel chama de sociação, uma forma pela qual diferentes indivíduos se conectam para a satisfação de interesses próprios e que designa diversas outras formas de grupamento.

A pertinência desse objeto de pesquisa e reflexão se impõe com a compreensão de que, se o uso de tecnologias não é exclusivo dos jovens, é indiscutível, como defendem Everardo Rocha e Cláudia Pereira, que “são eles os mais seguros usuários dos aparelhos funcionais que acabam por impor um novo ritmo ao cotidiano. E sua familiaridade com os *gadgets* acaba por conferir-lhes um significativo poder e, arriscaríamos afirmar, inédito no contexto social” (ROCHA; PEREIRA, 2010, p. 382). A tecnologia dos novos *gadgets* de comunicação, continuam os autores, funciona como “um agente facilitador para a prática da sociabilidade, agregando em si e convergindo para este fim todos os seis valores centrais da juventude, quais sejam, fragmentação, ambivalência, afetividade, autenticidade, gregarismo e questionamento” (ROCHA; PEREIRA, 2010, p. 397).

Soma-se ainda ao debate da sociabilidade, a questão da participação política e cidadã desses jovens no espaço urbano onde atuam. Entendemos por política não apenas aquela das macroestruturas, que envolve a participação em eleições, em partidos e no Estado, mas também a que se dá no contexto da vida das pessoas, onde atuam como cidadãos. Recorrendo à distinção feita por Chantal Mouffe, diríamos que abordaremos a atuação dos poderosos no âmbito de “o político” e não da “política”². O primeiro é da dimensão do antagonismo que é inerente às relações sociais e pode assumir várias formas e emergir de diferentes tipos. A política, por sua vez, “indica o conjunto de práticas, discursos e instituições que procura estabelecer uma certa ordem e organizar a coexistência humana em condições que são sempre

¹ Nomenclatura fictícia. Ao longo do texto, usaremos as seguintes nomenclaturas para nos referirmos à família Os Poderosos e as Poderosas: família poderosa; Os Poderosos e as Poderosas; Os Poderosos; As Poderosas.

² A distinção entre “política” (*politics*) e “o político” (*the political*) reverbera no campo do saber pois sugere, segundo Mouffe (2009b), duas abordagens distintas: a da Ciência Política, preocupada com as manifestações empíricas da “política” e a da Teoria Política, domínio dos filósofos, interessada em compreender “o político”.

potencialmente conflituosas porque são afetadas pela dimensão de ‘o político’” (MOUFFE, 2009a, p. 101). Recorrendo a Heidegger, Mouffe (2009b) afirma que a “política” refere-se ao nível ôntico, ou seja, às práticas políticas convencionais, e “o político” ao nível ontológico, ou seja, ao modo por meio do qual uma sociedade é constituída. Assim, “o político” remete à “visibilidade dos atos de instituição social” (MOUFFE, 2009b, p. 17), em sua relação com as disputas hegemônicas. É nesse sentido que se pode falar de “o político” como “expressão de uma estrutura particular de relações de poder” (MOUFFE, 2009b, p. 18) e de “o social” como resultado de relações de poder que lhe conformam.

A opção metodológica para esse trabalho foi o da etnografia, que resultou na entrada do pesquisador no “cenário social” (*social setting*) e a consequente elaboração de diário de campo com o qual fixou suas “rondas diárias” (*daily rounds*) (EMERSON; FRETZ; SHAW, 2013). Como o campo se constituiu também do ciberespaço, pois partimos do pressuposto de que a internet propicia a geração de diferentes grupamentos e práticas sociais, recorreremos também a uma forma específica de etnografia, a etnografia virtual ou netnografia. A netnografia é um procedimento metodológico que se propõe a investigar interações mediadas e multissituadas a partir da completa inserção do pesquisador nos espaços que a internet proporciona (POLIVANOV, 2013). Para tanto, a pesquisa ocorreu nos três grupos de *WhatsApp* mantidos pela família - o geral, onde se encontram todos os integrantes; o grupo feminino das Poderosas; e o da diretoria – o que permitiu acompanhar seus integrantes entre os meses de março e novembro de 2015. Foram feitas ainda entrevistas com integrantes do grupamento como técnica suplementar à pesquisa etnográfica.

“Representar”, “gerar” e “crescer”: a família Os poderosos e as Poderosas

A família “Os Poderosos e as Poderosas” foi criada em 2012, em Fortaleza, e surgiu a partir do interesse de jovens em criar um grupo no bairro onde viviam³. Assim como a família poderosa, existem várias outras na mesma região, que tanto são chamadas de “família” como “equipe” por seus integrantes⁴.

A família foi então constituída por Rafael⁵, que se tornou seu adm⁶, que a organizou nas mídias sociais, inicialmente por meio de um grupo no *Facebook*, e posteriormente no

³ Bairro da Sapiranga, integrante da Regional VI, um das regionais administrativas de Fortaleza.

⁴ As diferenças entre “família” e “equipe” serão retomadas e aprofundadas adiante.

⁵ Nome fictício sugerido pelo próprio entrevistado para este trabalho.

⁶ A sigla é uma abreviação de “administrador” e nos grupos de *WhatsApp* é a designação dada aos que

WhatsApp. No começo de 2015, eram onze componentes no grupo da diretoria, grupo interno da família que rege o grupamento, entre jovens do sexo feminino e do sexo masculino. A diretoria é formada pelos “donos”, considerados os fundadores, e pela “linha de frente”, que tem como função convidar pessoas de suas localidades de origem a participar do grupamento, fazendo com que ele “evolua”.

Durante o ano da pesquisa, alguns componentes entraram e outros saíram da diretoria e mesmo da família; houve os que permaneceram na família, mesmo saindo da diretoria, e os que saíram definitivamente. Esse caráter fluido acompanha o grupamento e evidencia sua constante mutação. Como situa Latour, na contemporaneidade, “relacionar-se com um ou outro grupo é um processo sem fim, constituído por laços incertos, frágeis, controvertidos e mutáveis” (LATOURE, 2012, p. 50).

Já nos anos 1980, Maffesoli (2006) identificava o crescimento significativo de microgrupos que denominou de “tribos” que permitiam um processo de desindividualização ao fortalecer a “pessoa” e seu papel desempenhado nesses grupamentos em contraponto ao processo de massificação provocado pelo poder político-econômico. Naquele momento, como agora, as tribos eram instáveis, pois as pessoas que as compunham podiam se deslocar de uma para outra. Discutindo o que denomina de “neotribalismo virtual” a partir de Maffesoli, Marli dos Santos (2010) entende que as comunidades virtuais são espaços de experimentos de identidades e alteridades fluidas e que não descartam necessariamente os encontros presenciais entre seus membros. É o caso da família que acompanhamos, onde a relação *off-line* reforça os laços *on-line* e vice-versa.

Parece-nos, assim, que, em parte, as reflexões de Maffesoli sobre essas “pequenas entidades locais” ainda servem para esclarecer aspectos das famílias sobre as quais nos debruçamos. Até porque, em textos mais recentes, o autor continua identificando a tendência dos jovens em constituir suas “zonas de autonomia temporária”, as tribos pós-modernas, cujo cimento social é a comunicação, a lógica é a da sedução e onde vigoram uma divisão dos afetos e um forte sentimento de pertencimento (MAFFESOLI, 2005). No entanto, nos serviremos de nosso caso empírico para apresentar outros caminhos que alguns grupamentos contemporâneos parecem estar seguindo, em especial no que diz respeito à participação política e cidadã, como veremos.

O nome da família “Os Poderosos e As Poderosas” é baseado no jogo de videogame *The King of Fighters*⁷, no qual existem dois personagens que representam o feminino e o masculino: a Leona e o Iori Yagami. São esses personagens que aparecem gravados nas camisas que os poderosos e as poderosas usam em seus encontros presenciais nas praças. Para Rafael, a escolha por esses personagens se justifica porque na narrativa do jogo eles mostram “querer agir sempre pelo certo, nunca pelo errado”.

Como foi dito, o fenômeno do tribalismo reforça a personalidade e não a individualidade, ou seja, a *persona*, o personagem, que “se integra sobretudo numa variedade de cenas, de situações que se valem porque são representadas em conjunto” (MAFFESOLI, 2006, p. 37). No “paradigma estético” composto pela “multiplicidade do eu” na “ambiência comunitária”, não se trata mais da história segundo a lógica moderna do contrato e da racionalidade, mas do mito do qual se participa e que permite “qualquer um reconhecer-se e comungar com os outros” (MAFFESOLI, 2006, p. 37). “O ideal comunitário”, lembra Maffesoli, “tem necessidade de símbolos exteriores para traduzir a força que, interiormente, o estrutura” (MAFFESOLI, 2005, p. 17).

Leona e Iori Yagami, portanto, são a máscara mutável, uma dentre outras possíveis, desses jovens que comungam um mesmo universo afetivo e simbólico. Funcionam, ainda que contingencialmente, como elementos de identificação social, demarcando um “nós”, os poderosos, e os “outros”, as outras famílias e equipes – relação esta que não é forçosamente de conflito entre os termos da identidade e da alteridade, como veremos adiante, ao contrário do que ocorre entre os grupamentos das gangues, continuamente em disputas físicas e simbólicas pela propriedade do espaço, e onde a violência é um dos valores que fundamentam suas relações sociais, ainda que noções como “família” e “amizade” também se façam presentes nesse universo (ANDRADE, 2007; CASTRO; ABRAMOVAY, 2002; GUIMARÃES; CAMPOS, 2007).

Na pesquisa de campo foi possível perceber que os integrantes da família participavam dos encontros presenciais e trocavam continuamente mensagens pelos grupos do *WhatsApp*, motivados não por um sentido teleológico, por um fim projetado, mas por uma intensidade da própria ação, o que caracterizaria a “potência impessoal da proximidade”, segundo Maffesoli (2006). Contudo, o mesmo não pode ser dito para a diretoria, ou pelo menos não para seu adm. e dono. Para ele, há um gasto de energia no grupamento que não é puro dispêndio, mas

⁷ Abreviado oficialmente como KOF, é uma série de jogos de luta produzidos pela empresa SNK Playmore.

um investimento - o de que os poderosos se projetem entre as famílias e equipes, ainda que seja para aumentar as “redes de amizade”.

Mesmo em uma rede de amizade, nem sempre as decisões tomadas pela diretoria da família são efetivamente aceitas por todos. Se, como observa Simmel (1983), conciliar relações pessoais seria o princípio vital dos pequenos agrupamentos, no caso da família poderosa, o papel de mediação é da diretoria e, especialmente, de Rafael. Dessa forma, se há uma relação horizontal entre os integrantes da família, por sua vez, se estabelece uma hierarquia com o grupo diretor, que se destaca do coletivo, e decide “por cima”. Temos aqui uma das principais discordâncias observadas no trabalho de campo com aquelas características que Maffesoli atribui às tribos, ou seja, a estética do sentir em comum; a ética do laço coletivo e o costume da potência social (esta que se opõe ao poder); e a lógica de funcionamento dos poderosos.

Se é fato, ao observar o cotidiano dos poderosos, que o grupamento delimita um espaço de liberdade e não se reduz a uma lógica de dominação, é inegável também que relações de domínio e, portanto, de poder permeiam as trocas entre os integrantes da família. E isso não apenas entre a diretoria e os demais integrantes, mas também entre os gêneros, onde as jovens estão submetidas a funções que reproduzem a lógica machista dominante na sociedade brasileira. Assim, elas são levadas a exercerem o papel de “puxadoras”, que compõem a “linha de frente”, o “braço direito” da diretoria, cuja função é a de atrair novos membros para a família, “puxar” pessoas do bairro, para que ela “gere” cada vez mais, como situa Rafael em entrevista à pesquisa em junho de 2015.

É Rafael quem, frequentemente, “puxa” os encontros semanais, sugere mudanças para a diretoria e gera a identidade visual da família para as camisas, faixas e outros materiais. É ele ainda quem organiza os grupos no *WhatsApp*, atuando como mediador de discussões, assim como inserindo e removendo pessoas que não estão participando ativamente dos grupos. Sua função como dono extrapola o ambiente digital, tornando-se alguém com o qual muitos dos poderosos acabam contando no dia a dia.

Para participar da família não é necessário que se passe por algum ritual específico. Muitas vezes, basta conhecer um dos jovens poderosos, ser apresentado por intermédio dele aos diretores, ou mesmo deixar o telefone de contato do *WhatsApp* no perfil do *Facebook* do grupamento. No entanto, mesmo sem regulamentação clara para entrar, há normas para a permanência, na realidade, os valores defendidos e almejados pelo grupamento:

A norma é assim... São, se eu não me engano, cinco normas: entra na família quem representa; tem a diretoria, que faz o seu papel de crescer o grupo; tem os dias dos encontros, que é obrigatório quem faz parte da família ir; devido a que não poder ir, deixar bem claro o motivo por não querer ir, não dar pra ir, quer dizer; e o quinto é de organização de cada pessoa ter seu próprio dever de fazer o que a diretoria deixar bem claro pra poder organizar. Esses são os cinco temas. Fora isso, eehh... só mesmo os cinco papéis [Entrevista com Rafael, junho/2015].

Como se observa, uma das normas da diretoria é a de “representar”. Tal ato é requerido entre as famílias que mantêm aliança. Representar significa, além de frequentar constantemente os encontros da própria equipe, marcar presença em determinadas reuniões semanais das aliadas ou participar das ações em conjunto, onde várias equipes e famílias decidem se reunir em um encontro só. Esse é um tipo de expectativa social erigida na forma como os grupamentos se relacionam. Um adepto não basta apenas dizer, perante os seus ou perante componentes de outras famílias, que faz parte de um determinado grupamento. É necessário aparentar (CAMPOS, 2013) e, para isso, exercer o ato de representar nestas famílias e equipes. Como foi dito anteriormente, as relações entre as famílias não funcionam necessariamente na lógica da identidade versus alteridade, ou do amigo versus inimigo, marca das relações antagônicas.

Se o poder é um elemento constituinte das relações sociais, as famílias não estabelecem entre si uma disputa que remete à eliminação de uma pela outra, como ocorre entre as gangues, mas sim um jogo pelo ato de representar mais. São como adversárias legítimas, se recorremos ao pensamento de Chantal Mouffe sobre a necessidade de se estabelecer parâmetros agonísticos (e não antagônicos) nas relações democráticas de poder (BARBALHO, 2015; MOUFFE, 2013). Contudo, talvez não seja nem correto denominá-las propriamente de adversárias a partir de seu sentido etimológico, do latim *adversarius*, que significa contrário, oposto, desfavorável. Posto que entre elas permeiam, no mais das vezes, relações fraternas, de amizade, e não desfavoráveis, de oposição. De todo modo, é importante perceber essa disputa em torno da necessidade de aparecer.

“Ter alguém ali para chamar no privado”: conversas e redes de amizade entre os poderosos

Nos grupos do *WhatsApp*, o diálogo é contínuo entre os integrantes da família. Os encontros virtuais se prolongam dia após dia, durante as manhãs, tardes, noites e madrugadas. Quando uns não podem conversar, outros continuam o fluxo. São escalas de diálogo em que

há uma permanência de escritos, trocas de imagens e sons. Como observam Rocha e Pereira, a afetividade e os vínculos de confiança entre jovens encontram nos aparelhos de comunicação e seus dispositivos seu lugar preferencial, pois “permanecer *online* é uma maneira de se colocar à disposição do Outro e, ao mesmo tempo, ter a sensação de que há sempre alguém pronto para ouvir, falar, teclar” (ROCHA; PEREIRA, 2010, p. 398). Ao mesmo tempo, é possível ser único e ser par de outro e nessa troca se sustentam o gregarismo e os laços sociais.

Durante a pesquisa de campo, observamos a existência de duas nomenclaturas dadas aos grupamentos: famílias e equipes. O que diferencia uma da outra é a forma como seus integrantes se relacionam. Nas famílias, há uma maior afinidade e intimidade entre os participantes, sentimentos que resultam de encontros mais frequentes. As equipes, por sua vez, seriam apenas um ajuntamento de jovens, sem tanta integração entre eles. Na visão de uma das poderosas entrevistadas, todos os grupamentos são equipes, mas nem todas as equipes são famílias. Para os Poderosos e as Poderosas, a autodenominação família diz respeito, portanto, a um aspecto de ajuda mútua e amizade que tecem cotidianamente no uso do *WhatsApp* e nos momentos de encontros nas praças, em que contam com os participantes como amigos e a quem poderiam se remeter a qualquer tempo.

Maffesoli destaca na lógica de atuação das tribos o que ele denomina de redes de amizade, onde seus membros se reúnem pelo prazer de estar juntos, sem objetivo e projeto determinados. Nestas redes, “a religação é vivida por ela mesma, sem qualquer projeção, seja qual for”; além de serem pontuais, pois, com as tecnologias de comunicação, “é no quadro efêmero de tal ou tal ocasião específica que um certo número de pessoas vai se (re)encontrar” (MAFFESOLI, 2006, p. 58). Tais ocasiões podem ocasionar ou não relações contínuas, mas nunca deixam de estabelecer cadeias de amizade, multiplicando as relações na apresentação de alguém que conhece outro alguém e assim por diante.

No caso da família poderosa há formas de hierarquização, como vimos, mas não comparáveis às usuais das relações entre pais e filhos. É um outro tipo de construção que denota mais organização, formas de solidariedade e ajuda mútua, que exercício de poder consanguíneo. O que reforça esse caráter associativo é basicamente a necessidade de fortalecimento de uma amizade que já existe e de amizades que poderão florescer. Lembremos que a *amicitia* (amizade) implica em reciprocidade, ainda que nem sempre desprovida totalmente de interesses, pois se pode dar “um prazer contra um prazer, um serviço por um serviço” (FONTANIER, 2007, p. 19).

Retomando a noção de dobra ou de redes dobradas anunciada na introdução do artigo, podemos entendê-la como o espaço de transformações intensas e intermitentes onde relações sociais são construídas e desfeitas. Em meio ao ambiente fundado pela dobra trafega-se por um mar de possibilidades em caminhos diversos, afinal, “o múltiplo é não só o que tem muitas partes, mas o que é dobrado de muitas maneiras” (DELEUZE, 1988, p. 13-14). A partir do momento em que se produzem dobras mais espaços assim são gerados. Acreditamos que esse é o caso das dobras criadas para manutenção e criação de vínculos entre os componentes da família poderosa.

A cada ambiente gerado, outros espaços de convergência surgem, independentemente de quem integre. No ambiente comunicacional e no espaço público, os lugares de presença da família poderosa são múltiplos. Assim como são múltiplas suas redes de associações, das quais fazem parte além de seus próprios integrantes, outros membros de diferentes famílias e equipes presentes no bairro da Sapiranga e em outros bairros da capital. Lugares estes tomados de diferentes formas inseridas na construção histórica e social de cada um de seus componentes enquanto indivíduos e grupo. Em meio a estes lugares de sentidos, pudemos entender o dinamismo desta rede de associações (LATOUR, 2012) que é a família poderosa.

A família poderosa usa o ambiente da internet como base comunicacional, como espaço de divulgação de novos encontros, como canal de compartilhamento de registros entre seus integrantes, em diálogo com as relações que estabelecem no plano da praça. No *WhatsApp* e na rua são estabelecidas relações de afeto, consolidam-se amizades, compõe-se organicamente o grupamento.

É fato que, ao longo do tempo, a internet tem possibilitado uma reconfiguração de sentidos nas formas com que as pessoas se relacionam. Empreendidos coletivamente, os sentidos gerados por essas relações são constantemente modificados. Ser e estar hoje em um ambiente coletivo de interação não significam permanecer amanhã. No entanto, é necessário lembrar que a fluidez nas relações sempre existiu. Hoje, o que gera estranheza é a ausência profunda de um limite espaço-temporal nas nossas diversas formas de interação.

Aliás, o que seria território senão uma porção fértil de elaboração de sentidos em que indivíduos diferentes, independentemente de se conhecerem ou não, travam contatos? A internet é uma porção coletiva desterritorializada que confere e possibilita novos ambientes de construção e desconstrução de interações.

Nesta perspectiva, podemos considerar a família poderosa como uma comunidade de sentidos. De acordo com Janotti Jr., comunidade de sentidos é uma agregação que partilha

interesses comuns, vivências de determinados valores, gostos, vontades e afetos, privilegiando determinadas práticas, também de consumo, obedecendo a determinadas produções de sentidos “em espaços desterritorializados, por meio de processos midiáticos que utilizam referências globais da cultura atual” (JANOTTI JR., 2008, 119). É justamente essa vivência dos sentidos empregados em grupo e culturalmente que permite aos jovens da família se reconhecerem, independentemente do território em que esses sentidos venham a se manifestar.

Fazer-se presente, sentir-se presente e ser reconhecido como membro em uma comunidade de sentidos é em si um valor. Os integrantes da família “Os Poderosos e As Poderosas” constantemente se afirmam nessa posição e demonstram o valor dessa inscrição grupal na forma como se aliam a outros grupamentos na localidade no bairro Sapiranga. O território da Sapiranga é desterritorializado por essas práticas que saem do campo da praça e inundam transversalmente os celulares, por meio do *WhatsApp*, desses jovens. Práticas que são construídas pela partilha de informações, de imagens, vídeos, formas de vestuário, posicionamentos corporais, evidências de formas de consumo diferenciadas e também ligadas, fundando territórios simbólicos coletivos e individuais (JANOTTI JR., 2008), e possibilitando aos integrantes desse grupamento o reconhecimento de si perante os outros e o reconhecimento de todos enquanto partícipes de uma mesma família.

“A paz é sua, a paz é nossa, a paz é de quem quiser”: a atuação política e cidadã dos poderosos

Fortaleza, como as demais metrópoles brasileiras, tem seus bairros, em especial os periféricos, demarcados pelo tráfico e pela disputa entre gangues. No entanto, a alta concentração de renda⁸ e a consequente disparidade social fazem com que na capital cearense os índices de violência atinjam os primeiros lugares nos rankings nacionais e internacionais⁹. Não é foco desse artigo discutir as juventudes pelo viés da violência e/ou da criminalização.

⁸ Segundo o relatório das Nações Unidas *State of the World Cities 2010/2011: Bridging the Urban Divide*, Fortaleza é a quinta cidade mais desigual do mundo. A esse respeito ver <http://www.ipece.ce.gov.br/publicacoes/ipece-informe/informe%2042-ultimaversao.pdf>. Acesso em 16.fev.2016.

⁹ Fortaleza é a 12o. cidade mais violenta do mundo, segundo o relatório organizado em 2015 pela ONG mexicana Conselho Cidadão para a Segurança Pública e a Justiça Penal. A esse respeito ver <http://g1.globo.com/mundo/noticia/2016/01/brasil-tem-21-cidades-em-ranking-das-50-mais-violentas-do-mundo.html>. Acesso em 16.fev.2016. A cidade ocupa ainda a nona posição entre as capitais brasileiras no que se refere ao Índice de Vulnerabilidade Juvenil à Violência (IVJ-Violência) elaborado em 2013 pelo Fórum Brasileiro de Segurança Pública. A esse respeito ver <http://diariodonordeste.verdesmares.com.br/cadernos/cidade/capital-e-a-4-em-indice-de-jovens-vulneraveis-1.194197>. Acesso em 16.fev.2016.

No entanto, esses dados servem para dar uma dimensão do que significa ser um jovem dos estratos sociais mais baixos da cidade¹⁰.

O bairro da Sapiranga, onde vive a maioria dos poderosos, não foge desse contexto de disputas e homicídios que tem os jovens como agentes e vítimas. Durante o trabalho de campo, diversas vezes pudemos ler nas mensagens do *WhatsApp* ou ouvir diretamente dos jovens da família o quanto eles estão constantemente próximos da violência e da morte. Não é de hoje que o medo de ser a próxima vítima faz parte de seu dia a dia. São vários os relatos de quem viu amigos mortos, seja devido ao tráfico de drogas, seja devido a ações policiais no bairro. Andando nessa comunidade, pudemos perceber os caminhos que as drogas têm encontrado para se manter como fonte de renda para e entre as diferentes gangues.

Diferentes interlocutores, em momentos de diálogo nas praças, onde pudemos conhecer diversas famílias e equipes, explicaram que o Primeiro Comando da Capital (PCC) teria vindo para Fortaleza. Isso teria acontecido depois que uma boa parte de seus componentes se sentiu coagida em São Paulo e precisou se estabelecer em outros locais do Brasil, dentre eles algumas cidades do Nordeste. Essas especulações faziam parte dos diálogos de todos na comunidade da Sapiranga.

No entanto, no ano de 2015, a partir da mobilização dos moradores em reação a esse contexto, se conseguiu uma trégua entre os traficantes e suas gangues. Essa paz específica tinha como objetivo evitar que mais moradores das comunidades do entorno morressem. Era difícil transitar pelo território. As fronteiras de passagem foram delimitadas, mas muitas pessoas não sabiam como atravessá-las ou se podiam mesmo correr esse risco. Assim, cada vez mais pessoas que não tinham nada a ver com as brigas por território na área eram assassinadas. O que gerou revolta em toda a população do local. Para que a paz acontecesse, foi necessário que as comunidades se unissem e dialogassem com as facções e gangues locais. Depois da trégua, a paz foi instituída.

Esse poder, que também é simbólico, exercido pelos componentes dessas gangues e facções evidencia um ambiente paralelo com regras próprias. Não adianta entrar em contato com o Estado por meio da polícia e solicitar segurança. A questão não se resolve com o poder coercitivo. Existem poderes paralelos que fogem dessa lógica.

Quando o diálogo da comunidade com essas facções foi estabelecido por meio do movimento “Paz na Sapiranga” a última coisa que seus moradores poderiam querer seria

¹⁰ Para uma análise sobre a configuração territorial, cultural, social e econômica de Fortaleza, ver, entre outros, ARAÚJO; CARLEAL (2003) e PEQUENO (s/d).

retornar ao estado de calamidade em que viviam. Com a chacina da Messejana acontecida em novembro de 2015¹¹, o pavor de que tudo retornasse a ser o que era antes fez com que a comunidade organizasse uma “Passeata pela Paz” no dia 19 de novembro, congregando habitantes locais e simpatizantes de outros bairros. A divulgação do evento se deu principalmente pelas redes, pelo *WhatsApp* e *Facebook*, assim como no boca a boca pela região.

Enquanto isso, diferentes grupos que existiam no *Whatsapp*, inclusive o grupo geral dos poderosos, passaram a receber uma grande porção de áudios sugerindo que mais ataques iriam acontecer nas comunidades da Grande Messejana. O compartilhamento de tais mensagens só fez com que o medo não só permanecesse, como se ampliasse. O receio de que a comunidade da Sapiranga retornasse a ser um local inseguro devido às brigas por fronteiras no tráfico era enorme. Somente uma grande ação poderia fazer com que, aos poucos, as coisas começassem a ser acalmadas. Logo na semana do dia 19 de novembro, foram compartilhados pequenos *flyers* divulgando a passeata da paz na Sapiranga. Todas as famílias e equipes da região foram convocadas a participar desse “rolezinho”, como foi denominado pelos jovens.

Entre os poderosos, Rafael fez um chamamento em forma de texto e *emojis* no *WhatsApp* para que a família comparecesse em peso¹². A ideia, na realidade, era convocar o máximo de famílias e equipes aliadas a representarem no momento.

Todos que compareceram à concentração na praça do Conjunto Alvorada seguiram a caminhada atrás do trio elétrico, de carros de som, com motos, bicicletas e a pé. Crianças, adolescentes, jovens, adultos, idosos, mulheres e crianças seguiram em caminhada até a Praça do Alecrim, uma das paradas da passeata. Entre os integrantes, havia vários poderosos e poderosas. Logo depois, o trio elétrico parou em uma rua larga da Sapiranga onde permaneceu com shows, palavras de ordem e testemunhos para as pessoas que seguiram em

¹¹ A chacina de Messejana, bairro localizado na Regional VI, o mesmo da Sapiranga, aconteceu na madrugada do dia 12 de novembro de 2015, quando cerca de 19 pessoas foram vítimas de disparos, culminando em mortes, em diferentes pontos do bairro. Todos os assassinados ou feridos eram moradores locais e não possuíam qualquer tipo de envolvimento com o tráfico da região, como divulgou posteriormente o próprio Governo do Estado do Ceará. No entanto, rapidamente começou a ser compartilhada nas redes sociais e depois na imprensa a informação, ainda não comprovada, de que a chacina teria sido cometida por policiais à paisana em retaliação à morte de um dos seus colegas em um assalto na noite anterior.

¹² Reunir a família no bairro da Sapiranga era um sonho de Rafael, como revela em entrevista: “Porque um pensamento que eu tive, criei um evento dentro do *Facebook* pras pessoas já verem, já convidei certas pessoas daqui do bairro porque eu espero que dentro daqui do bairro era um sonho que sempre tive. Porque no mundo da violência dentro das comunidades eu sempre tive o objetivo, sempre sonhei, que se um dia chegasse a ter paz aqui dentro do bairro, porque aqui no bairro era um dos bairros mais perigosos dentro de Fortaleza, de chegar, marcar um encontro da minha família dentro do meu próprio bairro. E eu espero que lote mais do que na nossa antiga praça”.

caminhada até lá. Muito funk, forró e reggae também marcaram o que pode ser considerada uma grande festa pela paz.

Diferentes famílias e equipes, trajadas com suas camisas, com seus carros adesivados e faixas expostas também compareceram ao local. Os poderosos, além de utilizarem camisas em menção à família, também abriram sua faixa e tiram fotos de sua participação naquele momento – fotos que, na sua maioria, eram dos próprios integrantes da família ou das alianças com outras famílias e equipes. A necessidade de reforçar a participação dos poderosos em espaços como esses demonstra o quanto estar e fazer parte de algo somente vale se também for registrado e difundido em rede.

A narrativa acima, adaptada do diário de campo, revela como os jovens, em especial aqueles reunidos em tornos das famílias e equipes, com destaque, nesse caso, para os poderosos, também participam politicamente da vida de seus bairros. O gregarismo que os une não se estabelece apenas nas atividades propriamente lúdicas, de dispêndio de energia com a dança, a música, o sexo, mas também em ações propriamente políticas, ou melhor, de “o político”, com sua dimensão ontológica, para retomarmos Mouffe. O que não implica dizer que também não possa ser dar na ordem do prazer, do “espetáculo”, em especial com a midiática crescente da política brasileira desde final dos anos 1980 (CARVALHO, 1999; GOMES, 1995; 1996; RUBIM, 1999; 2000).

Afirmar que a passeata pela paz em Sabiaguaba, bem como outras atividades lideradas pelos poderosos e suas famílias aliadas, como a arrecadação e distribuição de brinquedos para crianças mais pobres que eles próprios (integrantes das famílias) no 12 de outubro, tem uma dimensão política, só é possível quando entendemos que ela não se resume à sua dimensão institucional, em especial àquela ligada à representação, mas se exerce também nas diversas formas de participação e engajamento cívicos¹³.

Como observa Wilson Gomes, “a democracia é um sistema que cuida do que é comum ao coletivo” (GOMES, 2011, p. 24). Nesse sentido, participar significa não um valor em si mesmo, mas uma ação que pode produzir algum benefício para a comunidade (política). E nem toda participação se dá por meio da agenda do Estado ou da sociedade civil organizada,

¹³ Em entrevista, Sabrina, uma de nossas interlocutoras, revela a sua cobrança para que a família desempenhe algum papel social e, portanto, político no bairro: “eu não sou da diretoria, mas sempre fico falando... faz um dia de arrecadação de alimentos, pra poder dar pra alguma ONG, porque só o que tem aqui no bairro é ONG carentes precisando de alimentação... tipo a que eu dava aula lá quase fecha porque lá num tinha nem alimentação pra dar pras crianças. E lá eu recebi uma doação, assim, em valor de dinheiro, porque eu tenho vários cursos, eu podia trabalhar onde eu quiser... e dei lá aula e só recebi um agrado, um valor dum agrado, não recebi um dinheiro que eu podia chamar, ah eu trabalho pra receber um dinheiro, entendeu? Era só por amor...”

como os movimentos sociais. O cidadão, o civil, pode atuar de forma isolada ou conjuntamente sem estar pautado pelo interesse de algum grupo específico (partidário, social etc), como ocorreu com pessoas que se fizeram presentes na passeata pela paz. Estavam ali em solidariedade com os moradores da Sabiaguaba, compartilhando valores e desejos.

E isso em um momento cultural pouco favorável à participação civil ou cidadã. Como observa Gomes, as pessoas têm menos interesse hoje de participar de projetos coletivos ou de se engajar em agendas políticas. São pessoas “pouco dispostas ao engajamento permanente, pouco interessadas na partilha coletiva de palavras-de-ordem, pouco dogmáticas e pouco ideologizadas, muito pouco dispostas a sacrificar os seus projetos, tempos e espaços individuais em nome de um nós qualquer” (GOMES, 2011, p. 38-39). Ou seja, velhas iniciativas políticas parecem não ser eficazes com os novos tipos de sociabilidade.

As ações políticas dos poderosos parecem confirmar a observação de Jeffrey Alexander de que “as sociedades não são governadas apenas por poder e não são alimentadas somente por interesses próprios” (ALEXANDER, 2006, p. 03), mas também por outros sentimentos como a solidariedade. É o que denomina de esfera civil, “um mundo de valores e instituições que gera, ao mesmo tempo, a capacidade de crítica social e de integração democrática” (ALEXANDER, 2006, p. 04). Nesse sentido, a justiça depende da solidariedade, do sentimento de estar conectado com os outros.

Considerações finais

A partir de um contexto de exclusão social, a pesquisa com a família “Os Poderosos e As Poderosas” revelou como os jovens integrantes daquele grupamento conseguem estabelecer forte relações de sociabilidade, com o intuito de satisfazer interesse individuais, mas também coletivos.

Por meio dos dispositivos tecnológicos e dos encontros presenciais, constroem uma rede de vivência a partir da constituição de identidades fluidas e de paradigmas estéticos próprios, expressos nas músicas e vídeos, nas artes das camisetas e, principalmente, nas performances nos espaços públicos, quando “representam” sua família, em uma relação agonística com outras famílias e equipes. Tal constatação não exclui, por sua vez, o fato de que, internamente ao grupamento, se estabelecem hierarquias e, portanto, relações de dominação.

Contudo, a família, ainda que sendo uma “pequena entidade local” não deixa de atuar no seu entorno social, para além de sua ambiência comunitária e sua comunidade de sentido, exercendo a dimensão propriamente ontológica do político. O engajamento cívico no esforço coletivo pela paz no bairro onde habitam revela que o grupamento também é uma espécie de esfera civil ao fomentar a capacidade crítica e a integração democrática.

Enfim, ainda que autointitulada “família”, os poderosos não se limitam à esfera do privado, como se poderia esperar, até por conta de seu forte gregarismo, mas interagem com o espaço público, no sentido de lugar de atuação do cidadão, onde reivindicam e lutam por seus direitos. A passeata da paz foi um momento para a família “gerar” junto com outras famílias o resultado de seu engajamento na comunidade.

Como sintetiza a mensagem retirada de um *print* do grupo de *WhatsApp* da família: “Chegou o grande dia, convocamos todas as equipe para o evento mais importante do nosso bairro, o grande e glorioso 8 meses sem ter nenhuma violência na nossa comunidade”. O que corrobora as palavras de uma das poderosas: a família “não é só curtição”.

Referências

- ALEXANDER, Jeffrey. **The civil sphere**. Oxford: Oxford University, 2006.
- ANDRADE, Carla Coelho de. **Entre gangues e galeras: juventude, violência e sociabilidade na periferia do Distrito Federal**. (Tese). Doutorado em Antropologia Social, Departamento de Antropologia, Instituto de Ciências Sociais. Brasília, 2007.
- ARAÚJO, Ana Maria Matos Araújo; CARLEIAL, Adelita Neto. Oportunidade e miséria nos bairros de Fortaleza (Ceará/Brasil). **Scripta Nova**. Barcelona, Vol. VII, núm. 146(030), 2003. Disponível em [http://www.ub.edu/geocrit/sn/sn-146\(030\).htm](http://www.ub.edu/geocrit/sn/sn-146(030).htm). Acesso em 16/02/2016.
- BARBALHO, Alexandre. **Democracia radical e pluralismo cultural**. Para ler Chantal Mouffe. São Paulo: Lumme, 2015.
- CAMPOS, Ricardo. **Introdução à Cultura Visual**. Abordagens e Metodologia em Ciências Sociais. Lisboa: Mundos Sociais, 2013.
- _____. Movimentos da imagem no *graffiti*: das ruas da cidade para os circuitos digitais. In: CARMO, Renato do; SIMÕES, José (orgs.). **A Produção das Mobilidades: Redes, Espacialidades e Trajetos**. Lisboa: Imprensa de Ciências Sociais, 2009.

- CARVALHO, Rejane Vasconcelos Accioly de. **Transição Democrática Brasileira e Padrão Midiático Publicitário da Política**. Campinas: Pontes, 1999.
- CASTRO, Mary Garcia Castro; ABRAMOVAY, Miriam. Jovens em situação de pobreza, vulnerabilidades sociais e violências. **Cad. Pesqui.** São Paulo, no.116, 2002. Disponível em <http://dx.doi.org/10.1590/S0100-15742002000200007>. Acesso em 17/02/2016
- DELEUZE, Gilles. **A Dobra: Leibniz e o Barroco**. Campinas: Papyrus Editora, 1988
- DIÓGENES, Glória. Signos Urbanos Juvenis. Rotas da PiXação no Ciberespaço. **Revista Cadernos de Campo**. v. 22, n. 22, 2013.
- EMERSON, R. M.; FRETZ, R. I; SHAW, L. L. Notas de campo na pesquisa etnográfica. **Revista Tendências: Caderno de Ciências Sociais**. n. 7, p. 355-383, 2013.
- FONTANIER, Jean-Michel. **Vocabulário latino da filosofia**. De Cícero a Heidegger. São Paulo: Martins Fontes, 2007.
- GOMES, Wilson. Participação política on-line: questões e hipóteses de trabalho. In: MAIA, Rouseli Celi Moreira; GOMES, Wilson; MARQUES, Francisco Paulo Jamil Almeida (org). **Internet e participação política no Brasil**. Porto Alegre: Sulinas, 2011.
- _____. *Theatrum politicum: A encenação política na sociedade dos mass mídias*. In: BRAGA, José L., PORTO, Sérgio D., FAUSTO NETO, Antônio (orgs.). **A encenação dos sentidos**. Mídia, cultura e política. Rio de Janeiro: Diadorim, 1995. p. 69-96.
- _____. *Duas premissas para a compreensão da política espetáculo*. In: FAUSTO NETO, Antônio, PINTO, Milton José (orgs.). **O indivíduo e as mídias**. Ensaios sobre comunicação, política, arte e sociedade no mundo contemporâneo. Rio de Janeiro: Diadorim, 1996. p. 30-46.
- GUIMARÃES, S. P.; CAMPOS, P. H. F.. Norma Social Violenta: Um Estudo da Representação Social da Violência em Adolescentes. **Psicologia: Reflexão e Crítica**, 20 (2), 188-196, 2007.
- JANOTTI JR., Jeder Silveira. Mídia, cultura juvenil e *rock and roll*: comunidades, tribos e grupamentos urbanos. In: BARBALHO, Alexandre; PAIVA, Raquel (orgs.). **Comunicação e cultura das minorias**. São Paulo: Paulus, 2005.
- LATOUR, Bruno. **Reagregando o social: uma introdução à teoria do ator-rede**. Salvador: UFBA, 2012.
- MAFFESOLI, Michel. **O tempo das tribos**. O declínio do individualismo nas sociedades de massa. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 2006.

- _____. Cultura e comunicação juvenis. **Comunicação, mídia e consumo**, São Paulo, v. 2. N. 4, 2005, p. 11-28.
- MOUFFE, Chantal. **Agonistic**. Thinking the world politically. Londres: Verso, 2013.
- _____. **The democratic paradox**. Londres: Verso, 2009a.
- _____. **On the political**. Londres: Routledge, 2009b.
- PEQUENO, Luís Renato Bezerra. Desenvolvimento e degradação no espaço intraurbano de Fortaleza. In: X Encontro Nacional de ANPUR. **Anais....** Disponível em <file:///Users/Alexandre/Downloads/2120-4193-1-SM.pdf>. Acesso em 17/02/2016.
- POLIVANOV, Beatriz. Etnografia virtual, Netnografia ou apenas Etnografia? Implicações dos conceitos. **Esferas: Revista Interprogramas de Pós-Graduação em Comunicação do Centro-Oeste**, Ano 2, n. 3, jul./dez. 2013, p. 61 – 71.
- ROCHA, Everardo; PEREIRA, Cláudia. Sociabilidade e novas tecnologias: os significados do consumo entre os jovens. In: BARBOSA, Marialva; MORAIS, Osvando J. de (org). **Comunicação, cultura e juventude**. São Paulo: Intercom, 2010. p. 381-402.
- RUBIM, Antônio Albino Canelas. **Mídia e política no Brasil**. João Pessoa: UFPB, 1999.
- _____. **Comunicação e política**. São Paulo: Hacker Editores, 2000.
- SANTOS, Marli dos. Mídia, jovens e neotribalismo virtual. In: BARBOSA, Marialva; MORAIS, Osvando J. de (org). **Comunicação, cultura e juventude**. São Paulo: Intercom, 2010. p. 73-88
- SILVEIRA, Francisco Lopes da. Outros grafites. Outras topografias, outras modalidades. In: CAMPOS, Ricardo; MUBI, Andreia; SPINELLI, Luciano (Orgs.). **Uma cidade de imagens: produções e consumos visuais em meio urbano**. Lisboa: Mundos Sociais, 2011.
- SIMMEL, Georg. A natureza sociológica do conflito. In MORAES FILHO, Evaristo (org.). **Simmel**. São Paulo: Ática, 1983.

**"Want to always act for the right, never for the wrong":
Communication, sociability and citizenship in the "family Os poderosos e as Poderosas "**

Abstract

The present article brings data and research reflections aimed at investigating how the social and political social ties between young people belonging to a group self-named "The Powerful and Powerful Family" by the convergence of WhatsApp and public spaces uses. The question was to understand how the social and citizens practices taked place in the peripheral urban context where they live. The research was methodologically based on ethnography and netnography, as well as interviews and audiovisual records.

Keywords: Youth. Sociability. Social Media. Citizenship

**"Querer actuar siempre por el bien, nunca por el mal":
Comunicación, sociabilidad y ciudadanía en la "familia Os Poderosos e as Poderosas"**

Resumen

El presente artículo trae datos y reflexiones de investigación cuyo objetivo fue investigar cómo son tejidos los vínculos sociales y políticos entre jóvenes integrantes de un agrupamiento autointitulado "familia os Poderosos e as Poderosas", a través de la convergencia de los usos del WhatsApp y de los espacios públicos. La cuestión era entender cómo se daban las prácticas de sociabilidad y ciudadanas en el contexto urbano periférico donde viven. La investigación se basó metodológicamente en la etnografía y en la etnografía, además de entrevistas y registros audiovisuales.

Palabras clave: Juventud; Sociabilidad; Medio Social; Ciudadanía